

## ENSINO DE HISTÓRIA NO ASSENTAMENTO DO MST EM ITAJUÍPE-BA

Nara Oliveira Freire<sup>1</sup>  
Professora de Educação Básica  
E-mail: narahistoria@hotmail.com

**Palavras-chave:** Educação. MST. História.

Este trabalho visa entender a proposta pedagógica que permeia o ensino de História do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – no Assentamento Luanda, Itajuípe - BA, no decorrer do ano de 2008. Ou seja, como se trabalha noções básicas de identidade, cultura, História e movimento social, de 1ª a 4ª séries, na Escola Municipal Paulo Freire, do referido Assentamento.

O MST nasceu, com o propósito de alcançar a reforma agrária, mas, à medida que o movimento foi se desenvolvendo, seus participantes perceberam a necessidade de promover uma educação que atendesse as suas necessidades político-sociais, de modo que os seus filhos fossem escolarizados nas concepções que o movimento defende, pois no seu entendimento, a continuidade do MST depende fundamentalmente da educação.

Assim, diferente das escolas de educação básica do País, na Escola Municipal Paulo Freire, não há uma divisão por disciplinas; todo conteúdo é integrado em forma de eixos temáticos e analisado de forma interdisciplinar. Diante disso, procuramos observar na prática de ensino do professor, o trabalho com noções gerais – educação, pedagogia – e específicas, relacionadas à História – identidade, cultura, história do movimento.

Na análise da proposta pedagógica do MST utilizamos os *Cadernos de Educação*, que são cartilhas que definem os princípios educativos do movimento. Destacamos os *Cadernos nº 8* (Princípios da educação no MST), *nº 9* (Como fazemos a escola de educação fundamental) e o *Caderno nº 18* (O que queremos com a escola dos assentamentos).

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz.

No Assentamento Luanda, realizamos entrevistas com os professores, a diretora, os moradores e os pais de alunos, bem como observação das aulas, análise de atividades desenvolvidas pelos alunos, projetos desenvolvidos durante o ano e o material utilizado como parâmetro para o desenvolvimento dos trabalhos do ano letivo de 2008.

O MST tem diretrizes educacionais nacionais, mas cada Estado ou Setor tem liberdade para adequar as diretrizes à sua realidade. O Setor de Educação da Bahia definiu que as escolas dos assentamentos seriam também fundamentadas na pedagogia de Paulo Freire. Em razão disso, procuramos verificar de que forma a escola do Assentamento Luanda estava utilizando o método Paulo Freire.

A partir da concepção de que o movimento é um sujeito educativo o MST propõe cinco Matrizes Pedagógicas principais que norteiam os princípios educativos, presentes em vários ambientes de vivência cotidiana. Essas matrizes pedagógicas são: da luta social, da organização coletiva, da terra, da cultura e da História.

Para o MST, a História tem uma importância relevante, uma vez que um dos objetivos do seu ensino é a formação da identidade do sem-terra, estabelecendo uma ligação e relação com o passado do movimento. A identidade é estabelecida através do cultivo da memória, estabelecendo uma solidez dos integrantes do movimento com os seus princípios.

Porém, segundo Edgar de Decca (1992, p. 131-132), a memória e a História apesar de serem constantemente entranhadas, na realidade possuem diferenças e até mesmo contradições. A memória é seletiva e por isso não tem compromisso com fontes, ela é uma forma de se valorizar um passado, esquecendo ou lembrando elementos do mesmo. Ainda conforme Eric Hobsbawn (1998, p. 37-38), a História enquanto ideologia tem sido utilizada como autojustificação. Essa autojustificação teria a função de legitimar e valorizar a existência de um grupo social. A História, nesse sentido, é confundida com a “memória histórica”, perdendo sua real função de reconstruir analisando criticamente.

Assim, o MST não se dedica à pedagogia de Paulo Freire na sua inteireza filosófica e política, pois o movimento tem a sua lógica própria, que tende a ser modificável a cada luta e a cada conjuntura. A concepção político-ideológica tende a prevalecer sobre os seus princípios educacionais, restringindo o entendimento de política para os objetivos do movimento.

Dessa forma, a escola do Assentamento Luanda, adota a utilização da “rede temática” como currículo da escola. No início de cada ano, os professores, juntamente com a diretora,

fazem um levantamento dos principais problemas que enfrenta o assentamento. Essa sondagem é feita através da participação dos integrantes da escola nas reuniões da associação, indagando aos pais e aos alunos acerca das suas necessidades, bem como em conversas informais com as pessoas da comunidade.

A rede temática na concepção da escola consiste na construção de um organograma de temas que se ligam entre si, e estão todos atrelados ao tema central que foi explicitado anteriormente e ligados também ao objetivo principal. A rede tem por objetivo nortear os estudos durante todo o ano. Ou seja, ela é que vai estabelecer os conteúdos e a forma como serão trabalhadas as disciplinas, que deverão abordar os assuntos dentro dos temas da rede.

Existe um problema na comunidade que é o centro da rede, e todos os outros temas são derivados. No ano de 2008 o tema central era: “A minha mãe disse que era pra eu não cantar o hino”. Toda segunda-feira, os alunos cantam o hino do MST ou o nacional, ao perceber que um aluno não estava cantando, o professor o questionou e ele disse que a mãe o havia orientado a não cantar. A partir do momento que ela não canta o hino estaria, portanto, negando o movimento do qual faz parte. Por isso, foi considerado como problema central, uma vez que não cantar o hino do movimento ao qual faz parte é como não concordar com seus princípios. Para o MST, é importante construir na criança a chamada identidade sem-terrinha, que estabelece uma relação da criança com a terra e com o movimento, o que permitiria a criança aceitar o hino do movimento.

Entretanto, é preciso ressaltar algumas questões acerca do estudo da História e das temáticas locais. A partir do momento em que os conteúdos são estabelecidos apenas pela rede temática e esta apenas pelas questões locais, corre-se o risco de restringir a educação ao ambiente em que vivem os educandos, pressupondo que o assentamento se explica sozinho.

Se por um lado há limites estruturais na proposta educacional do MST, no tocante à filosofia de Paulo Freire, por outro lado, a proposta educacional do movimento contribui para avançar no ensino básico, principalmente em relação ao princípio de que a educação é um compromisso compartilhado entre escola e comunidade.

A educação, portanto, tem um objetivo principal de formar agentes políticos que cultivem a identidade sem-terra, o que permite que elas tenham uma relação de intimidade e identificação com o movimento.

Este trabalho pode concluir que a História, por permitir uma série de interpretações e se ligar à memória histórica, constantemente tem sido utilizada de maneira a justificar aquilo que é de interesse e permita a existência de determinados grupos sociais.

## Referências

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

DAL RI, Neusa Maria; VIEITEZ, Candido Giraldez. A educação do movimento dos sem-terra. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, maio/jun/jul/ago 2004.

DE DECCA, Edgar. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. O que queremos com as escolas dos assentamentos? *Caderno de Formação*, São Paulo, n. 18, 1991.

\_\_\_\_\_. Princípios da educação do MST. *Caderno de Educação*, São Paulo, n. 8, 1997.

\_\_\_\_\_. Como fazemos a escola de educação fundamental? *Caderno de Educação*, São Paulo, n. 9, 1999.